

EDITORIAL

Neste número da *SIG Revista de Psicanálise*, a seção *Em Pauta* reúne trabalhos que tomam as racialidades como questão social, teórica, clínica e ética da psicanálise. Ao fazê-lo, os textos convocam o campo psicanalítico a interrogar seus próprios pressupostos, seus modos de escuta e suas formas históricas de institucionalização. Os artigos que compõem esta seção evidenciam como a diferença racial se inscreve nos circuitos pulsionais, nos processos identificatórios, nas dinâmicas transferenciais e nas práticas institucionais, incidindo de modo decisivo sobre o sofrimento, o desejo e as possibilidades de reconhecimento. Nesse percurso, emergem discussões sobre a branquitude, seus mecanismos de desmentida e pactuação, os efeitos do racismo na clínica, bem como a urgência de uma psicanálise capaz de se haver com os atravessamentos da história colonial brasileira e com a persistência de seus efeitos no presente.

A leitura desse conjunto torna visível uma exigência ética: a de que a psicanálise se deixe deslocar por aquilo que durante muito tempo permaneceu desautorizado, silenciado ou secundarizado em seu interior. Se, por um lado, os textos apontam para o caráter historicamente branco e eurocentrado de certas formulações e instituições, por outro, sustentam a possibilidade de uma prática psicanalítica implicada, situada e crítica, capaz de reconhecer a racialidade como operador fundamental na produção de subjetividade e na escuta do sofrimento psíquico.

Na seção *Ensaio*, esse debate se prolonga a partir do questionamento da neutralidade analítica quando ela se converte em apagamento dos marcadores sociais da diferença. Já a *Entrevista* com Taiasmin Ohnmacht amplia o campo de reflexão ao articular racialidade, discurso social e formação psicanalítica, evidenciando a carência

histórica desse debate e recolocando em primeiro plano as implicações éticas do fazer clínico.

A seção *Artigos* apresenta dois textos que ressoam. O primeiro aborda o traumático da violência na ditadura civil-militar brasileira, interrogando a escrita testemunhal como via de elaboração. O segundo debruça-se sobre o luto e os efeitos da recusa na transmissão psíquica entre gerações, recolocando a centralidade do não dito, do segredo e da falha de simbolização. Em ambos, encontramos a ideia de que a elaboração exige trabalho de inscrição e memória.

Nas *Resenhas*, a retomada da dimensão subversiva da psicanálise e o reencontro com a obra de Ferenczi oferecem uma fecunda reflexão, reafirmando o valor de uma psicanálise aberta à crítica, à reinvenção e à complexidade do humano.

Ao eleger as racialidades como eixo da seção *Em Pauta*, este número destaca sua aposta de que a psicanálise preserva sua potência crítica quando se dispõe a interrogar os lugares de onde fala, os corpos que escuta e as diferenças que a atravessam. Que a leitura dos textos aqui reunidos possa, assim, ampliar as possibilidades de escuta e reflexão diante das urgências éticas, clínicas e políticas de nosso tempo.

Boa leitura!

Mariana Steiger Ungaretti
Editora

Pâmela Soares Bratkowski
Editora Assistente

Ângela Segabinazzi Rodrigues
Gabriele Honscha Gomes
Comissão Executiva